

As andanças de um rato



As andanças de um rato



A.L.O.E.



São Paulo, SP

Copyright © 1864, A.L.O.E.

Título do original: The rambles of a rat

Todos os direitos desta edição reservados para

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP, — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1.^a edição, 2025

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução e edição de texto: *Paula Jacobini*

Capa e diagramação: *Jorge A D Romero*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A.L.O.E.

As andanças de um rato / A.L.O.E.; [tradução Paula Jacobini]. – 1. ed. – São Paulo: Editora Gadel, 2025.

Título original: The rambles of a rat

ISBN 978-65-83273-07-9

1. Cristianismo – Literatura infantojuvenil

2. Moral cristã I. Título.

25-308952.0

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Cristianismo : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Cristianismo : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB 8/7964





Sumário



Prefácio	7
1. A família de ratos.....	9
2. A descoberta de uma armadilha.....	15
3. Mais pobres do que ratos.....	21
4. Como fiz um amigo.....	29
5. Como Bob se deparou com uma aventura	37
6. Como visitei o Jardim Zoológico.....	43
7. Encontrando relações.....	49
8. Como fiquei sabendo de antigos semelhantes.....	59
9. Como encontramos um banquete.....	69
10. A falta de um dentista	79
11. A remoção	87
12. Um novo caminho para a fama.....	93
13. Como iniciei minha viagem	101
14. Uma palavra terrível.....	111
15. Primeira vista de São Petersburgo	121
16. Uma cozinha russa	129





17. Um passeio por São Petesburgo.....	139
18. Como fomos deportados	147
19. Uma tempestade e suas consequências.....	155
20. Pegue-o – vivo ou morto!	161
21. Um novo tipo de cão de guarda.....	171
22. O fazendeiro e sua noiva.....	181
23. Uma espiada através das rosas	191



Prefácio

Que meus leitores não suponham que, ao escrever *As andanças de um rato*, eu esteja simplesmente soprando bolhas de fantasia para sua diversão, para distraí-los durante uma hora ociosa. Diferentemente das bolhas ocas com as quais as crianças se deliciam, minhas bolhas de fantasia têm algo sólido dentro delas – fatos estão contidos em minha ficção. Sim, fiz ratos falarem, sentirem e refletirem, como essas criaturinhas certamente nunca fizeram; mas a coragem, a presença de espírito, a fidelidade e a bondade que atribuí aos meus heróis foram demonstradas por ratos reais. As aventuras que descrevi realmente aconteceram com eles, exceto as que estão registradas no capítulo 19, para as quais não tenho autoridade. Minhas anedotas sobre essa raça tão desprezada devo principalmente a

um artigo interessante sobre o assunto que apareceu na Quarterly Review.

Gostaria de sugerir aos meus leitores o quão amplo e encantador é o campo de conhecimento que a história natural deve abrir para todos, já que há tanto para se interessar e admirar até mesmo por aqueles animais que geralmente consideramos com desprezo e nojo. O exame das maravilhosas obras da natureza é um estudo que eleva e também encanta; pois quanto mais profundamente pesquisamos as maravilhas ao nosso redor, mais claramente descobrimos a sabedoria que é exibida até mesmo nas formas mais baixas da criação!

A. L. O. E.



A família de ratos

Minhas lembranças mais antigas são de correr em um galpão ao lado de um grande armazém, em algum lugar no bairro de Poplar, perto do rio Tâmis, que certamente não é um riacho prateado.

Levamos uma vida muito feliz naquele galpão, meus sete irmãos e eu! Era uma espécie de palácio de lixo, uma mansão de coisas sem valor, onde os ratos podiam se divertir e brincar de esconde-esconde o quanto quisessem. Tínhamos conseguido entrar de mansinho no armazém mencionado acima e lá, todas as noites, nos banqueteávamos à vontade, ficando

tão esbeltos e rechonchudos quanto qualquer rato do Reino Unido.

Dizem que nossos ancestrais vieram com o conquistador William, e temos muito orgulho de nossa ascendência normanda. Nossas formas menores, pelagem preta e lustrosa, caudas longas e orelhas grandes e finas nos diferenciam completamente do rato marrom norueguês, para o qual olhamos com – eu ia dizer desprezo, mas acho que é um sentimento completamente diferente, e um sentimento do qual nem os ratos nem os homens geralmente gostam de se declarar culpados. Sei que geralmente não escolhemos a companhia deles; mas não sei se é porque suas formas são mais grosseiras, se suas maneiras são menos refinadas e sua linhagem não é tão longa, ou se é porque às vezes eles têm a mania de morder as orelhas de seus semelhantes ou, quando seu apetite é incomumente aguçado, fazem de seus primos normandos uma refeição; não precisamos nos perguntar.

Eu disse que eu e meus sete irmãos somos ratos pretos, mas devo fazer uma exceção. O mais novo da família era malhado – uma peculiaridade curiosa que nunca notei em nenhum outro de nossa raça. Sim,

ele era malhado e não só tinha esse infortúnio, mas também era o rato mais desajeitado e malformado que já mordiscou uma ponta de vela! Ora, isso não era culpa dele e certamente não era motivo para que fosse desprezado por seus irmãos mais afortunados. O homem, naturalmente, como criatura superior, olharia apenas com bondade e piedade para um companheiro tão infeliz que tivesse defeitos físicos. Ele nunca ridicularizaria uma condição que poderia ter sido a sua, nem encontraria um motivo de alegria naquilo que, para outro, era uma causa de aborrecimento. Esquesito, Porquinho-da-Índia, Manchadinho e Medonho – esses eram os nomes que lhe dávamos. O primeiro era o nome pelo qual ele era mais conhecido e o único ao qual ele preferia responder. Mas ele era um sujeito bem-humorado, pobre Esquisito, e suportava nossa grosseria com paciência e bom temperamento. Ele seguiu o plano que eu recomendaria a todos os ratos em sua situação: juntava-se à alegria que sua própria aparência provocava; e quando nos divertíamos com a maneira desajeitada como ele andava atrás de seus companheiros de pés mais leves, ele nunca levava isso a mal, nem se retirava para um canto do galpão para

ficar amuado, em meio a pontas de corda e pedaços de ferro enferrujado.

Eu disse que tivemos noites felizes no armazém. Muitas vezes, a lua entrava pelas janelas opacas e com muitas vidraças, iluminando nossas festas, embora não nos importássemos muito com a luz, pois nossos delicados tatos quase substituíam os olhos. Mas uma noite, acima de todas as noites, eu me lembro!

Durante o dia, houve muita movimentação no armazém, caminhões rodando e barris rolando. Brisk, o mais animado de meus irmãos, havia ficado sentado em um buraco observando do meio-dia até o anoitecer e agora corria pela nossa pequena passagem para o galpão, onde estávamos todos aninhados atrás de uma lona velha. Ele nos trouxe notícias de um banquete que estava por vir.

— Chegou um navio da Índia — disse ele — e vamos dar uma olhada na carga. Eles estiveram ocupados guardando-a na casa ao lado. Há arroz..

A irmandade de ratos abanou o rabo de alegria!

— Açúcar...

Houve um grito universal de aprovação.

— Índigo...

— Isso nada mais é do que um corante azul obtido de uma planta — observou Peludo, um rato velho e cego que, em seus dias, viajou muito, viu muito do mundo e refletiu sobre o que viu muito mais do que é comum para um rato. Na verdade, ele era para nós um filósofo, e eu aprendi muito com sua experiência, pois ele gostava de falar sobre suas viagens e, se não fosse por um temperamento um pouco difícil, teria sido um companheiro muito agradável. Ele frequentemente se juntava ao nosso grupo; na verdade, suas enfermidades o obrigavam a isso, pois ele não poderia viver sem ajuda. Mas agora devo voltar a Brisk e seu relatório da carga.

— Ópio...

— O suco da papoula branca — disse nosso amigo idoso, que tinha gosto por informações gerais. — Já o vi produzir efeitos estranhos quando ingerido em grandes quantidades pelos homens.

— Que efeitos? — perguntei eu. Eu era um rato muito curioso especialmente sobre tudo o que se relacionava às grandes criaturas com duas pernas, chamadas Homem, que eu acreditava serem tão mais

sábias quanto mais fortes do que a raça dos Muris, à qual pertenço.

— Ora, o ópio primeiro torna os homens selvagens e ousados, de modo que eles correm para o perigo ou para a loucura, brigam com seus amigos e lutam contra seus inimigos, riem e dançam e se divertem sem saber por quê. Depois, ficam sonolentos e, mesmo que suas vidas dependam disso, não dão um passo sequer. Então, quando acordam de seu sono não natural, seus corpos estão frios e suas cabeças, pesadas; sentem-se doentes, fracos e tristes! E se isso acontecer dia após dia, finalmente o forte se torna fraco e o saudável, doente; a carne se desprende dos ossos e a vida dos olhos, e o homem inteiro se torna como um casco velho e vazio, cujas vigas dificilmente se sustentam! E tudo isso por consumir ópio!

— Credo! — exclamou Brisk. — Deixe o ópio para o homem; é muito ruim para os ratos!